



A andragogia nas grades curriculares dos cursos de pós-graduação em docência do ensino superior no estado de Pernambuco

The andragogy within the curriculum of undergraduate courses in the higher education teaching in the State of Pernambuco

André de Almeida Bezerra BARBOSA¹
Gustavo Henrique Costa Souza²

Resumo: Nas últimas décadas, o ingresso de alunos no ensino superior tem sido bastante acentuado, e acompanhando este fenômeno houve também um aumento no número de instituições. Nos cursos ofertados dentro da rede de ensino superior, os conceitos pedagógicos são comumente utilizados, mas a andragogia - ciência voltada para a educação do adulto - é ferramenta importante que pode ser utilizada para adequar o conteúdo e a forma da aula no intuito de haver uma maior identificação do aluno com a matéria estudada, facilitando a construção do conhecimento. A presente pesquisa buscou revelar se e como a disciplina de Andragogia está situada nas grades curriculares dos cursos de pós-graduação em Docência do Ensino Superior no estado de Pernambuco, visto que estes cursos buscam preparar profissionais que irão lidar com alunos que estão na fase adulta ou bem próximos a ela. Para isto, a metodologia definida foi a aplicação de questionário com os coordenadores das vinte e três instituições que oferecem este curso no estado. Os dados obtidos mostraram que a andragogia é utilizada dentro dos cursos, mas em apenas uma pequena fatia das instituições ela aparece como disciplina inserida na grade curricular. **Palavras-chave:** Andragogia. Grade curricular. Docência do ensino superior.

Abstract: In recent decades the admission of students in higher education has been strong and following this phenomenon there has also been an increase in the number of institutions of high education. Among the courses offered by those institutions pedagogical concepts are commonly present, but andragogy – a science focused on adult education - is an important tool that can be used to design content and form of the lesson to be taught in order to make students get closer to the subject matter studied, facilitating the construction of knowledge. This research sought to reveal whether and how the discipline andragogy is understood in the curriculum of undergraduate courses in the Higher Education Teaching in the state of Pernambuco since these courses seek to prepare professionals who will deal with students in adulthood or very close to that. To do so, the defined methodology was the use of a questionnaire to be answered by coordinators of the twenty-three institutions that offer this course in the state. The data obtained demonstrate that

<http://doi.org.10.24024/2357-9897v27n1a2018p11021>

¹ Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Pernambuco | UFPE e especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE | E-mail: andre.barbosa76@gmail.com

² Graduado em Ciências Contábeis, Especialista em Auditoria Fiscal e Perícia Contábil e Mestre em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Pernambuco | UFPE | E-mail: guga.hcs@gmail.com

andragogy is part of these courses curriculum, but just a small number of the institutions have this discipline as part of the course curriculum.

Keywords: Andragogy. Curriculum. Higher education teaching.

Introdução

A estrutura do ensino superior no Brasil tem sofrido consideráveis mudanças nas últimas décadas. O crescimento do número de matrículas foi acentuado na rede privada e uma consequência disto foi o surgimento de novas IES (Instituições de Ensino Superior). Desde os anos 90 até meados da década de 2000, o número de matrículas cresceu 177% em toda a rede de ensino superior, sendo de 60,2% para 74,6%, somente nas instituições privadas (SÉCCA e SOUZA, 2009).

Segundo o Censo da Educação Superior (2014), 75% das instituições são privadas, enquanto que apenas 25% são públicas. Este dado mostra que, considerando as últimas cinco décadas (desde a Reforma Universitária de 1968), o surgimento das IES na iniciativa privada foi bastante acentuado, favorecendo assim o maior ingresso do alunado, formado em sua maioria por adultos, ao sistema superior de ensino.

A palavra *pedagogia*, de acordo com Gil (2015), refere-se à condução de crianças. Sendo assim, existem técnicas específicas para que o processo de orientação de ensino a uma criança seja conduzido visando ao máximo aproveitamento na relação educador-aluno. Esta relação dá-se de forma diferenciada no ensino para pessoas adultas, pois enquanto que na educação de crianças ela tem o educador como peça chave e detentor do conhecimento, pode-se dizer que no caso dos adultos esta relação é uma via de mão dupla onde o educador não está em um nível acima dos alunos, mas funcionando como um facilitador na construção deste conhecimento e, muitas vezes, aprendendo com estes. Como diz Mario Sergio Cortella: só é um bom “ensinante” quem, também, é um bom “aprendente”.

O adulto possui experiências e vivências anteriores que o levam a ter um senso de análise crítica e um olhar observador sobre as situações. Isto faz com que ele busque aprender aquilo que possa ter rapidamente uma aplicação prática, que esteja inserido no seu cotidiano ou que vá lhe trazer um resultado palpável, e não uma recompensa, como uma boa nota, como é no caso das crianças. Deste modo, as técnicas de ensino aplicadas à educação de crianças, oriundas da práxis pedagógica, diferenciam-se das técnicas aplicadas aos adultos, às quais são desenvolvidas e aprofundadas no contexto de uma área de estudo chamada “andragogia”. Em consonância com isto, Knowles (1973), em sua obra *The adult learner: a neglected species* (O aluno adulto: uma espécie negligenciada), afirma que as experiências dos alunos adultos, até aquele momento, eram negligenciadas, e que os princípios da pedagogia as desconsideravam, fazendo com que este tipo de aluno fosse submetido a práticas educativas bem parecidas com as aplicadas às crianças.

Um profissional da educação que busca qualificação em um curso de docência do ensino superior sabe que lidará com a educação de adultos, e que, com isso, deverá ter

em sua formação conceitos desta ciência voltada para o trabalho educacional com pessoas desta faixa etária. Posto isto, faz-se oportuno verificar se os cursos voltados para a prática da docência do ensino superior ministram a disciplina de Andragogia ou tem em sua grade curricular alguma disciplina que trate de conceitos andragógicos, a fim de que os docentes formados por estes cursos possuam conhecimentos mínimos para lidarem com o processo de formação e de educação do adulto.

No intuito de averiguar o exposto acima, este trabalho busca responder ao seguinte questionamento: Se e como a andragogia está situada na grade curricular dos cursos de pós-graduação em docência do ensino superior ministrados no estado de Pernambuco?

A escolha do tema justifica-se pela importância da seguinte relação: se o ensino superior é constituído de alunos em idade adulta (ou bem próxima disto), logo se espera que os docentes que atuam nas faculdades e universidades tenham sido formados e estejam preparados para lidar com este público, valendo-se das técnicas e procedimentos que a andragogia postula.

Breve histórico da andragogia

De acordo com Carvalho (2010), no início do século VII iniciaram-se na Europa as escolas para o ensino de crianças, fazendo surgir, assim, o termo pedagogia, cuja etimologia provém do grego: “paído”, que significa criança, e “gogos”, que significa educar. Até o século XX as bases da pedagogia continuaram sendo utilizadas e, por não haver estudos que comprovassem sua inadequação para a educação de pessoas de outras faixas etárias, fazem parte de grande parte das instituições de ensino até os dias atuais.

O aluno adulto, por ter visão de mundo diferenciada da de uma criança, tem também necessidades diferentes no seu aprendizado. De acordo com Apostolico (2014), o adulto tem interesse em resultados de curto prazo. Por isso direciona sua atenção para atividades educacionais que reflitam seu cotidiano e preocupa-se com a aplicabilidade imediata do que foi ensinado. Kurth (2011) também alerta que vários fatores podem funcionar como desmotivadores para o aluno adulto, e um deles é a colocação na grade curricular de disciplinas que tenham aplicabilidade prática duvidosa.

A utilização do termo andragogia deu-se pela primeira vez em 1883, sendo criado pelo professor alemão Alexander Kapp (VOGT e ALVES, 2005). A etimologia da palavra também é grega: “andros”, que significa adulto, e “gogos”, que significa educar.

Após isto, Eduard Christian Lindeman, educador americano, percebendo o hiato existente entre os métodos para a educação de crianças e de adultos, publicou o livro “*The Meaning of Adult Education*” (1926), voltando a utilizar o termo “andragogia”.

Em 1970, com a publicação do livro *The modern practice of adult education*, o também americano Malcolm Knowles, que é considerado o pai da Andragogia, classificou o termo como a arte e a ciência destinada a auxiliar os adultos a aprender e a compreender o processo de aprendizagem dos mesmos (SANTOS, 2006).

Shinoda (2014) coloca que Lindeman (1926) definiu cinco pressupostos básicos para a educação de adultos, os quais foram reformulados por Knowles (1970). Gil (2015, p. 12) lista esses pressupostos, como segue:

- conceito de aprendente: onde o aluno é responsável por sua aprendizagem e ele mesmo define sua caminhada educacional;
- necessidade do conhecimento: indica que os adultos sabem melhor do que as crianças o que necessitam ou não aprender;
- motivação para aprender: o aluno adulto tem motivações externas e internas para aprender diferente das crianças, como melhor salário e autoconfiança;
- papel da experiência: cada aluno traz uma experiência de vida diferente, e esta deve ser utilizada como fonte de recurso para que este possa se mostrar disponível a participar do processo educacional;
- prontidão para o aprendizado: o aluno adulto mostra disposição para aprender aquilo que lhe é conveniente aprender descartando o que lhe é imposto.

A andragogia no Brasil

Acreditava-se, no início do século XX, que o bom professor, incluindo-se neste rol o professor universitário, era aquele profissional que tinha saber notório em seu campo técnico de atuação. Com o passar do tempo, verificou-se que somente este tipo de competência não era suficiente para o bom desempenho das atividades da docência. Começava a se fazer importante a utilização de um leque maior de habilidades técnicas. Com isso, foram implantados em 1965, os cursos de pós-graduação no Brasil, que se bifurcaram em dois segmentos: o *lato sensu*, formado pelos cursos de especialização em determinada área do saber, e o *strictu sensu* que foi também subdividido nos níveis de mestrado e doutorado (GIL, 2015).

Silva e Borba (2011) comentam que, anos mais tarde, os profissionais da área educacional entenderam que somente os conhecimentos técnicos já não eram mais suficientes, mas que habilidades pedagógicas também se faziam relevantes na busca de um aprendizado de melhor qualidade para o discente.

Na formação dos professores universitários no Brasil e, por conseguinte, no estado de Pernambuco, existe uma lacuna quando esta é comparada com a formação dos professores da educação básica. Enquanto que na educação superior o docente pode ser considerado habilitado à prática da docência ao ter cursado uma pós-graduação *lato sensu* ou *strictu sensu*, na educação básica este profissional tem sua preparação regulamentada por um curso específico.

Seguindo este conceito mais atual, muitas IES já oferecem em sua grade o curso de pós-graduação em Docência no Ensino Superior, que busca disponibilizar preparação especializada, tanto para o professor em atividade, que não teve essa preparação prévia em sua graduação, quanto para aqueles que estão iniciando suas carreiras. Conforme destacam

Alvarado-Prada, Freitas e Freitas (2010, p. 370), “espera-se que a formação continuada contribua com a manutenção, criação e alteração das relações estruturantes e estruturadoras do desenvolvimento profissional do coletivo docente na instituição escolar”.

Esse panorama de mudanças envolvendo o ensino superior fez surgir um novo modelo de estrutura no processo de ensino-aprendizagem, no qual professores e alunos têm papéis diferentes dos quais desenvolviam anteriormente. O aluno se faz também parte responsável neste processo e esta responsabilidade não recai mais somente sobre o educador (BELOTTI e FARIA, 2010).

Desta feita, por também ser parte motora do processo de ensino-aprendizagem, o aluno passa a exigir mais do professor e deixa de esperar que somente este seja o único responsável pela construção do conhecimento. Neste novo modelo se tem o aluno como participante ativo, e não mais como “receptor” de informações, e o professor passa a ser um facilitador. Este não tem mais como função principal ensinar, mas sim ajudar o aluno a aprender (GIL, 2015).

Neste cenário, a utilização do modelo andragógico pelas IES em seus cursos de pós-graduação para a preparação de professores que se destinam à educação de alunos adultos passa a ser uma ferramenta importante para dar suporte à construção do conhecimento.

Knowles (2009, p. 226) indica que a prática da andragogia pode ser oportunizada em dois momentos, a saber:

- adaptar a andragogia a diferentes conceitos ou condições: o professor deve conhecer seu grupo e verificar se a prática andragógica pode ser utilizada em sua totalidade ou se deve ser inserida aos poucos, iniciando o processo pelas práticas pedagógicas;
- Andragogia e aprendizagem mediadas tecnologicamente: Knowles (1989), prevendo a tecnologia como uma das forças motoras da educação, observou três situações:
 - a tecnologia facilita o desejo de o aluno ser autodirigido;
 - o uso da tecnologia permite ao aluno ajustar seu aprendizado, baseado em suas experiências anteriores;
 - permite aos alunos ajustar sua aprendizagem com situações do cotidiano.

Com isso, Knowles indica que o professor deve balancear o conteúdo andragógico que deve ser utilizado de acordo com as características do grupo. Os conceitos pedagógicos são de relevante importância, pois, é apoiado por eles que o professor irá introduzir a andragogia, a fim de obter melhores resultados com seus alunos. A tecnologia é outro fator de apoio, pois ela permite que o aluno tenha gerenciamento sobre sua própria aprendizagem, ajustando seu tempo de estudo, conteúdo a ser estudado, e adequando sua carga horária à de outras atividades.

Metodologia

1. Amostra

Esta pesquisa elegeu as 23 (vinte e três) instituições de ensino superior que oferecem o curso de pós-graduação em Docência do Ensino Superior no estado de Pernambuco. A lista destas instituições está disponibilizada no site do cadastro de Instituições e Cursos de Educação Superior do Ministério da Educação (www.emec.mec.gov.br)

A pesquisa buscou trazer dados sobre a utilização e aplicação da disciplina de Andragogia nestas instituições, e estes serviram para a montagem da análise que veremos adiante.

2. Técnicas de investigação

A coleta de dados foi feita com base em um questionário de 07 (sete) questões, sendo cinco questões abertas e duas com respostas SIM ou NÃO. A proposta era que as respostas fossem dadas através de entrevistas aplicadas aos coordenadores dos cursos, mas não houve adesão, e todas as respostas obtidas vieram através de e-mail. Por razões de cunho ético, os nomes das IES e de seus respectivos coordenadores não serão citados. A tabela a seguir dá uma noção das tentativas de contato realizadas, bem como do volume de respostas obtidas:

Tabela 1 – Tentativas de contato e volume de adesão

		Total	Total (%)
CONTATO	Sim	20	87%
	Não	3	13%
CONTATO	Não	13	57%
	Sim	6	26%
	Abstenção	1	4%

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Neste caso, pode-se definir como “contato” todo e qualquer envio de informação por telefone e/ou e-mail, no intuito de obter dados para a pesquisa em questão, e que tenha tido promessa de resposta.

O questionário aplicado buscou ser simples e objetivo para facilitar o entendimento e uma maior facilidade no retorno das respostas. O intuito era de não aplicar questões que pudessem ser “cansativas” aos olhos dos questionados. A aplicação da cadeira de Andragogia nas grades curriculares dos cursos e a perspectiva dos questionados no que diz respeito à disciplina dentro da IES à que pertencem foram a espinha dorsal da pesquisa. As questões são as que seguem:

Tabela 2 – Questões aplicadas na pesquisa

Pergunta 01	Qual sua função?
Pergunta 02	Há quanto tempo exerce?
Pergunta 03	A grade curricular abrange a disciplina "Andragogia"?
Pergunta 04	Caso negativo, qual o motivo?
Pergunta 05	Quando foi a última reforma da grade curricular do curso?
Pergunta 06	Há previsão de uma nova reforma que faça abranger a disciplina "Andragogia"?
Pergunta 07	A Andragogia enquanto tema é abordada no contexto de outra disciplina? Qual?

Fonte: elaborado pelo autor

Do total das 23 (vinte e três) IES citadas, 16 (dezesseis) exercem suas atividades na Região Metropolitana do Recife, 05 (cinco) no interior do estado e 02 (duas) estão com o curso suspenso, de acordo com despacho nº 98, de 23/12/15, do Ministério da Educação. Considerando as 21 IES em atividade, 24% delas situam-se no interior do estado, enquanto que 76% estão localizadas na Região Metropolitana do Recife.

Análise e discussão dos dados

1. Perfil das IES e dos respondentes

Das 06 (seis) IES que enviaram resposta, uma informou que o pólo que oferecia o curso de Docência do Ensino Superior em Pernambuco foi fechado (os motivos não foram informados pela IES). Sendo assim, o universo de estudo desta pesquisa contará com 05 (cinco) IES que responderam as questões em sua totalidade, sendo 04 (quatro) da Região Metropolitana do Recife e uma do interior do estado, e que serão denominadas daqui por diante de IES1, IES2, IES3, IES4 e IES5.

Em todas as IES do universo em estudo, os respondentes têm a função de coordenação dentro dos cursos, sendo em três delas como coordenador acadêmico, em uma como coordenador pedagógico e na última como coordenador dos cursos da área educacional.

Apesar da diferença de nomenclatura, todos desenvolvem atividades muito semelhantes e são responsáveis pela qualidade do curso, pois participam diretamente da escolha do corpo docente e da atualização da grade curricular.

Com relação ao tempo nesta função, temos o seguinte resultado: 20% dos coordenadores têm menos de 1 (um) ano na função, 60% têm de 1 (um) a 3 (três) anos na função e os 20% restantes atuam há mais de 5 (cinco) anos na função.

Com as duas primeiras perguntas a intenção foi traçar um perfil dos questionados: o que fazem e há quanto tempo fazem. A partir deste momento, entra-se nas indagações referentes exclusivamente à aplicação da disciplina de Andragogia nas IES.

2. Andragogia nas grades curriculares

No que diz respeito às grades curriculares, não se conseguiu apenas os dados das IES que responderam ao questionário (IES 1 a 5), pois como algumas IES disponibilizam em suas páginas na internet as suas grades, foi possível buscar a informação através desta ferramenta. No total, tivemos 09 (nove) instituições pesquisadas neste quesito. Fez-se a análise de duas formas: considerando este número de nove IES (situação A), e depois somente as cinco IES que enviaram resposta (situação B).

Com base nisso, chegou-se aos resultados que seguem: considerando a situação A, tem-se um total de 22% das IES que têm a disciplina disponibilizada em sua grade curricular (02 instituições), enquanto que os 78% restantes não a oferecem oficialmente (07 instituições). Quando analisamos levando em consideração as cinco IES que enviaram resposta (situação B), o resultado é ainda menor (20%), pois apenas uma disponibiliza oficialmente a disciplina aos alunos. Retomando a questão do tempo de função dos coordenadores, foi possível perceber que nas IES onde a disciplina não é ofertada o coordenador tem menos de 03 (três) anos na função, enquanto que naquelas onde o coordenador desempenha sua função há mais de 05 (cinco) anos a realidade mostra-se de forma inversa.

De acordo com Marquesin, Penteado e Batista (2008), o coordenador de curso tem, dentre muitas funções, as de propor desenvolvimento do plano de ensino, supervisionar as atividades curriculares e redimensionar as bases do projeto político-pedagógico da instituição, caso se faça necessário. Portanto, ele está diretamente ligado ao planejamento da grade curricular do curso que coordena.

Tratando-se de um curso de pós-graduação em Docência do Ensino Superior, o coordenador deve ter um olhar atento para que a andragogia faça parte do currículo ou da ementa do curso, seja como disciplina ou como tema tratado dentro de outras disciplinas. Os alunos formados neste curso inevitavelmente trabalharão com pessoas na idade adulta ou bem próxima dela, e os conceitos andragógicos deverão fazer parte desta formação.

Nas quatro IES que não têm oficialmente a disciplina na grade curricular do curso, os coordenadores informaram que o motivo desta decisão é que a andragogia já é discutida de forma transversal nas disciplinas de “Psicologia da Aprendizagem” e “Didática”. Goullart (2010, p. 14) afirma que:

A Psicologia da Educação surgiu como campo do saber encarregado de auxiliar profissionais da área educacional no aprimoramento de suas competências relacionadas ao processo de ensinar e aprender. É uma área específica tanto na produção do conhecimento quanto na disponibilização do mesmo para a prática educativa.

Gil (2015, p. 2) comenta que,

Nos dias atuais, deparamo-nos com muitas definições diferentes de didática, mas quase todas a apresentam como ciência, técnica ou arte de ensinar. Uma definição obtida em um dicionário atual a vê como “parte da Pedagogia que trata dos preceitos científicos que orientam a atividade educativa de modo a torná-la mais eficiente” (HOUAISS, 2001). Com efeito, a

Pedagogia é reconhecida tradicionalmente como a arte e a ciência da educação, enquanto a Didática é definida como a ciência e a arte do ensino.

A partir das definições expostas acima, é possível compreender que há uma inter-relação entre a psicologia, a didática e a andragogia, no que diz respeito ao processo de preparação dos profissionais da educação que irão trabalhar com adultos. Traçando um paralelo da definição de Knowles (1970) com esta inter-relação, pode-se dizer que andragogia é a arte e a ciência destinada a auxiliar os adultos a aprender (utilizando-se da didática) e a compreender o processo de aprendizagem dos mesmos (utilizando-se da psicologia). Desta forma, algumas IES entendem que a utilização da andragogia enquanto tema transversal é suficiente. Temos o seguinte panorama nas IES pesquisadas: 60% das instituições utilizam a andragogia dentro das disciplinas de Psicologia da Aprendizagem e Didática, 20% apenas na disciplina de Didática, e para 20% este item não é aplicável, pois a disciplina de Andragogia é disponibilizada.

Com relação às ementas, as IES externaram que estas são reformuladas periodicamente, através de necessidades evidenciadas pelos corpos docentes para contemplar discussões mais atuais, mas não informaram qual seria esta periodicidade.

A atualização das grades curriculares dos cursos é outro ponto bastante importante a ser discutido, pois é necessário que haja uma revisão constante destas, a fim de manter o conteúdo sempre atual e reformulado de acordo com as necessidades dos alunos. Nas cinco IES do nosso universo de estudo, uma está com a reforma da grade curricular em andamento (IES1), uma não sabe informar quando foi a última reforma (IES2) e três tiveram atualização no ano de 2015 (IES3 / IES4 / IES5).

Um dado interessante neste ponto é que o coordenador que está a menor tempo na função (IES2) foi àquele que não soube informar sobre a reforma da grade do curso que coordena. Isto externa uma relação direta entre o tempo na função e o conhecimento amplo de todos os fatores a serem observados pelo coordenador, incluindo dentre estes a atualização da grade curricular.

Com relação a uma nova reforma nas grades curriculares dos cursos que venha a abranger a disciplina de Andragogia, não foi considerada a IES1, pois está já a contempla. As outras quatro instituições não preveem tal reforma, sendo assim, continuarão sem possuir a disciplina situada dentro de sua grade, apenas utilizando-a de maneira transversal, como falado anteriormente.

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi verificar se e como a disciplina de Andragogia está situada dentro das grades curriculares dos cursos de pós-graduação em Docência do Ensino Superior no estado de Pernambuco.

Através de questionários aplicados aos coordenadores dos cursos, buscou-se levantar dados sobre as grades curriculares, as ementas dos cursos, tempo dos coordenadores

em suas funções e, particularmente, sobre o posicionamento e utilização da andragogia nestes cursos.

A maior dificuldade encontrada foi a obtenção dos dados junto aos coordenadores, que, em sua maioria, realizaram promessa de responder ao questionário enviado, mas na realidade o que se percebeu foi uma baixa adesão à pesquisa.

A andragogia encontra-se presente nos cursos pesquisados, mas esta presença se configura de formas diferentes, não havendo uma linearidade entre as IES na utilização da ciência. Pode-se afirmar que a Andragogia como disciplina é pouco utilizada nas IES pesquisadas no estado de Pernambuco. A maior parte das instituições pesquisadas a utiliza como tema transversal dentro de outras disciplinas, como “Psicologia da Aprendizagem” e “Didática”. Não há visibilidade de que este quadro mude dentro de um curto espaço de tempo, visto que os cursos não vislumbram reformas em suas grades curriculares que venham a abranger a disciplina.

Para justificar a não utilização da andragogia como uma disciplina isolada, os cursos consideram que apenas a utilização de alguns conceitos andragógicos inseridos em outras disciplinas são suficientes para que o pós-graduado possa estar preparado para lidar com a tarefa de educar adultos de forma eficiente e satisfatória.

Como sugestão para futuras pesquisas, sugere-se um estudo mais abrangente, que possa colher dados de todos os estados da região Nordeste, para que se possa ter uma visão mais detalhada de como a andragogia está situada nos cursos de Docência do Ensino Superior nestes estados, e para que sejam feitas comparações entre os dados de cada estado, destacando pontos positivos e sugestões de melhoria para os casos em questão.

Referências

- APOSTOLICO, Cimara. Andragogia: um olhar para o aluno adulto. **Caleidoscópio**, v. 1, n. 3, p. 44-54, 2014.
- BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. Relação professor/aluno. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. v. 1, n. 1, p. 01-12, 2010.
- DE CARVALHO, Jair Antonio *et al.* Andragogia: considerações sobre a aprendizagem do adulto. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 3, n. 1, p. 72-90, abr. 2010.
- GIL, Antonio Carlos. **Didática do ensino superior**. Rio de Janeiro: Atlas, 2015.
- GOULART, M. I. **Psicologia da aprendizagem**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- KNOWLES, Malcolm. **The adult learner: a neglected species**. Philadelphia: Taylor & Francis, 1973.
- KNOWLES, Malcolm S. *et al.* **The modern practice of adult education**. New York: New York Association Press, 1970.
- KNOWLES, Malcon S.; HOLTON III, Elwood F.; SWANSON, Richard A. **Aprendizagem de resultados: uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

KURTH, Romeu Marcelo. **O estado de motivação constante dos alunos de graduação: a função do professor.** Amparo, SP: UNIFIA, 2011.

LINDEMAN, E. **The meaning of adult education.** Nova York: New Republic, 1926.

MARQUESIN, Denise Filomena Bagne; PENTEADO, Adriano Franco; BAPTISTA, Denise Cristina. O coordenador de curso da instituição de ensino superior: atribuições e expectativas. **Revista de Educação**, v. 11, n. 12, p. 7-21, 2008.

PRADA, Luis Eduardo Alvarado; FREITAS, Thaís Campos; FREITAS, Cinara Aline. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. **Revista Diálogo Educacional**, v. 10, n. 30, p. 367-387, 2010.

SANTOS, Carlos César Ribeiro. **Andragogia: aprendendo a ensinar adultos.** Artigo. nov/2006. [http://www.aedb.br/seget/artigos10/402_Artigo Andragogia.pdf](http://www.aedb.br/seget/artigos10/402_Artigo%20Andragogia.pdf).

SÉCCA, Rodrigo Ximenes; SOUZA, Rodrigo Mendes Leal de. **Análise do setor de ensino superior privado no Brasil.** BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 30, p. 103-156, set. 2009.

SHINODA, Ana Carolina Messias *et al.* Um estudo sobre a utilização de andragogia no ensino de pós-graduação em administração. **REGE Revista de Gestão**, v. 21, n. 4, p. 507-523, 2014.

VOGT, Maria Saleti Lock; ALVES, Elioenai Dornelles. Revisão teórica sobre a educação de adultos para uma aproximação com a andragogia. **Educação**, Santa Maria, RS, v. 30, n. 2, p. 195-214, 2005.

Recebido em: 22.02.2017

Aprovado em: 02.05.2017

Para referenciar este texto:

BARBOSA, André de Almeida Bezerra; SOUZA, Gustavo Henrique Costa. A andragogia nas grades curriculares dos cursos de pós-graduação em docência do ensino superior no estado de Pernambuco. **Lumen**, Recife, v. 27, n. 1, p. 11-21, jan./jun. 2018.